

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CATARINE MACHADO COSTA

**PEDAGOGIA DE PROJETOS: DEPOIMENTOS
DE ESTAGIÁRIAS DE PEDAGOGIA**

Porto Alegre

2013

CATARINE MACHADO COSTA

**PEDAGOGIA DE PROJETOS: DEPOIMENTOS
DE ESTAGIÁRIAS DE PEDAGOGIA**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar mais uma etapa da minha vida gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Nilton e Isabel, por todo o apoio e amor que sempre me deram, por me mostrarem a importância dos estudos, pelo tempo dedicado a mim na ajuda das tarefas da escola, quando eu ainda era criança, pois tudo isso foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Às minhas irmãs, Camila e Mariana, que, ao seu modo, contribuíram nesta caminhada, principalmente ficando ao lado dos meus pais durante os momentos em que tive que me ausentar. Ao meu afilhado Pedro por ter compreendido a minha ausência nestes últimos meses. Tudo isso me deu muita força em um momento que exige total dedicação.

Ao meu namorado (e futuro marido), Lucas, com quem compartilhei todas as angústias, frustrações e sucessos da minha vida acadêmica. Ele foi fundamental pra mim neste processo.

À UFRGS por ter me proporcionado o conhecimento que tenho hoje. À minha orientadora, Sandra Andrade, que sempre me transmitia muita calma e segurança. Cada vez que terminavam as nossas reuniões, eu voltava para casa com as energias renovadas e com vontade de fazer cada vez melhor o meu trabalho.

À Maria Luisa Xavier, professora pela qual tenho muita admiração e que foi minha orientadora durante o estágio docente. Se durante a minha vida profissional eu chegar perto do que ela é, já terá valido a pena.

Às colegas que viraram grandes amigas, em especial à Anne Tavares, que foi minha grande companheira nesta trajetória.

Às alunas da UFRGS que me concederam as entrevistas, tornando possível a realização deste trabalho.

E aos meus alunos de quarto ano, da minha prática docente, que me ensinaram muito mais do que qualquer livro poderia ensinar.

Obrigada!

Os Projetos de Trabalho contribuem para uma ressignificação dos espaços de aprendizagens de tal forma que eles se voltem para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes. (HERNANDEZ, 1998)

RESUMO

Este trabalho de conclusão tem como tema a Pedagogia de Projetos e pergunta: como alunas-estagiárias do curso de graduação em Pedagogia da UFRGS vivenciaram a prática da Pedagogia de Projetos? Fez-se um estudo de caso utilizando como ferramenta metodológica a entrevista semiestruturada com quatro estudantes de Pedagogia. Tal estudo foi motivado pela experiência na prática de estágio docente obrigatório, em que se encontraram algumas dificuldades para colocar em prática os conceitos da pedagogia de projetos. Este trabalho apoia-se centralmente em autores como Dewey (2002), Hernández (1998) e Jolibert (1994) no que se refere aos estudos sobre o trabalho por projetos. Para a análise, procurou-se refletir sobre o que compreendem as estagiárias por Pedagogia de Projetos, como se deu o planejamento pedagógico, e se tiveram dificuldades no desenvolvimento do trabalho por projetos e quais foram elas. O estudo mostrou que as preocupações das professoras eram dar conta de todos os conteúdos em um projeto e partir somente do interesse dos alunos e de suas realidades. É importante valorizar a realidade dos alunos, entretanto a Pedagogia de Projetos afirma que é função do professor oferecer possibilidades novas, às quais, muitas vezes, eles não teriam acesso fora da escola. Além disso, os projetos não podem se transformar em armadilhas pedagógicas na busca de um currículo mais globalizado.

Palavras-chave: Pedagogia de Projetos. Estudo de caso. Planejamento.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	6
2	MEU REFERENCIAL TEÓRICO E AS QUESTÕES QUE IMPULSIONARAM ESTE ESTUDO.....	8
3	CAMINHO METODOLÓGICO.....	12
3.1	UMA PESQUISA QUALITATIVA.....	12
3.2	AS ENTREVISTADAS.....	14
4	PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	16
5	O QUE ENTENDEM AS ESTAGIÁRIAS SOBRE A PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	20
6	A PEDAGOGIA DE PROJETOS E SUA IMPLEMENTAÇÃO EM SALA DE AULA.....	27
6.1	A PEDAGOGIA DE PROJETOS E OS CONTEÚDOS CURRICULARES..	27
6.2	A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O PROCESSO AVALIATIVO NA ESCOLA.....	31
7	POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES DESTE ESTUDO.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	38
	APÊNDICE B – Perguntas das entrevistas.....	39

1 APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o que entendem as estagiárias do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por Pedagogia de Projetos, tendo como foco central a questão: como foi vivenciada a prática da Pedagogia de Projetos por alunas-estagiárias do curso de graduação em Pedagogia da UFRGS?

Esta proposta foi motivada por minhas inquietações durante meu estágio docente obrigatório em uma escola estadual de Porto Alegre. Em alguns momentos do meu trabalho, vi-me com algumas dificuldades de colocar em prática o que aprendi durante a graduação: o desenvolvimento de uma educação interdisciplinar, na qual os alunos atuem como protagonistas daquilo que estão vivenciando na sala de aula; que o conteúdo aprendido pelos alunos faça sentido a eles. E é na Pedagogia de Projetos que se percebe um grande potencial para esse tipo de ensino. Ao refletir sobre tais dificuldades, questionei-me: será que essas foram dificuldades apenas minhas? Será que outras colegas também não passaram por isso?

Tais inquietações me impulsionaram a realizar este trabalho investigativo. Trata-se de um estudo de caso qualitativo que foi realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com alunas do curso de Pedagogia da UFRGS e que, assim como eu, realizaram seus estágios no segundo semestre de 2012 em escolas da rede pública de Porto Alegre.

Escolhi a metodologia do estudo de caso, pois este tem como principal objetivo produzir dados a partir de um grupo específico, analisando e refletindo sobre ele. Contudo, conforme Lüdke e André (1986), compreendo que não se deve generalizar os resultados das entrevistas, mas, sim, sondar as especificidades de cada uma, compreendendo como foram as experiências daquelas professoras-estagiárias com relação à sua prática docente no que diz respeito ao uso da Pedagogia de Projetos.

Na seção denominada *O que entendem as estagiárias sobre a Pedagogia de Projetos?*, procurei fazer uma análise não apenas a partir de suas respostas sobre o conceito do tema, mas também partindo de seus planejamentos pedagógicos e de como eles foram constituídos.

No capítulo *A Pedagogia de Projetos e sua implementação na sala de aula*, faço uma reflexão sobre o que as entrevistadas relataram como suas maiores dificuldades na prática do trabalho por projetos.

Finalizando este trabalho, trago a seção *Possíveis considerações deste estudo*, na qual aponto as análises finais e o que pude aprender no decorrer desta pesquisa.

2 MEU REFERENCIAL TEÓRICO E AS QUESTÕES QUE IMPULSIONARAM ESTE ESTUDO

Esta pesquisa é motivada pela minha experiência na prática de estágio docente obrigatório do curso de Pedagogia da UFRGS. Durante o estágio, encontrei algumas dificuldades para colocar em prática os conceitos da Pedagogia de Projetos no dia a dia da sala de aula.

Durante o segundo semestre de 2012, realizei meu estágio docente em uma turma de quarto ano de uma escola estadual de Porto Alegre. Em uma conversa inicial com a supervisora da escola, esta me disse que, apesar de aquela ser uma instituição tradicional, com um currículo linear-disciplinar, baseado em disciplinas de forma mais fragmentada e não articuladas entre si, eu poderia trabalhar com projetos do modo que quisesse, mas teria que dar conta dos conteúdos exigidos pela escola.

Durante minha trajetória acadêmica, principalmente no quinto semestre do curso de Pedagogia, muitos textos foram lidos, muitas discussões foram feitas acerca do tema pedagogia de projetos. Ideias de autores como Josette Jolibert em seu livro *Formando Crianças Leitoras* (1994) e Fernando Hernández em *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho* (1998) foram leituras que colaboraram com meu trabalho e para minha concepção sobre o ensinar na sala de aula.

Baseada nos referenciais acima citados, iniciei meu trabalho no estágio, procurando focar em um projeto interdisciplinar que proporcionasse uma aprendizagem significativa para quem aprende, pois penso que quando propomos um trabalho devemos procurar conhecer e levar em conta o contexto em que os alunos estão inseridos, elaborando um currículo que privilegie essas novas concepções de infância que hoje nos são apresentadas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

O conceito de aprendizagem significativa, central na perspectiva construtivista, implica, necessariamente, o trabalho simbólico de “significar” a parcela da realidade que se conhece. As aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados. (BRASIL, 1997, p. 38).

Desenvolvi, portanto, atividades que pudessem ajudar no desenvolvimento, na socialização e numa maior integração entre a turma e o contexto social em que

as crianças estavam inseridas, pois entendo ser essa uma forma de o aluno participar mais ativamente no proposto. Segundo Xavier (2011, p. 9), “o estudante encontraria um propósito nos projetos de trabalho escolar, visando transformar a escola de um ‘auditório’ num ‘laboratório’, desartificializando as atividades escolares”.

Acredito que essa é uma estratégia muito importante em todo o processo de ensino/aprendizagem, porque, na medida em que participa da escolha do tema estudado, definindo como será realizada a pesquisa, quais materiais a turma usará, quais são as melhores estratégias, o aluno se vê como parte do trabalho, e isso torna o projeto mais interessante para ele.

As crianças têm acesso a muitas informações e não se contentam em apenas ouvir e participar de forma passiva das aulas; elas precisam fazer parte daquilo que estão aprendendo, assim como o que elas estão aprendendo precisa fazer parte do mundo delas. Não há mais espaço para uma escola baseada apenas na transmissão de conteúdos fragmentados e descontextualizados do mundo dos alunos. Ainda conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se veem confrontados no seu dia a dia. As temáticas sociais, por essa importância inegável que têm na formação dos alunos, já há muito têm sido discutidas e frequentemente incorporadas aos currículos das áreas ligadas às Ciências Naturais e Sociais, chegando até mesmo, em algumas propostas, a constituir novas áreas. (BRASIL, 1997, p. 44-45).

Seguindo tais princípios, desenvolvi com os estudantes o tema *Política e cidadania*. Tratamos sobre muitas coisas, dentre elas os principais problemas que encontramos em nossa cidade e como poderíamos resolvê-los. Esse projeto surgiu em decorrência das eleições para prefeitos e vereadores que estavam acontecendo em nosso país no ano de 2012.

Acredito que uma das principais funções da escola, além de ensinar os conteúdos, é formar cidadãos, mostrar para o aluno qual o seu papel na sociedade e o quanto ele também é responsável por ela. A escola deve estar ligada ao mundo e ir além do espaço da sala de aula. Andrade (2001, p. 77) descreve que “se a grande preocupação da escola é com a formação da cidadania dos sujeitos, é preciso que se considere que o estudante desenvolva algumas capacidades como a de pensar sobre as questões sociais aprendendo a se posicionar frente a elas [...]”. O principal

papel da escola é desenvolver o espírito de cidadania entre os alunos. E vejo na política um assunto com grande potencial para que esse objetivo seja alcançado.

Mas mesmo com meus referenciais e meus conhecimentos acadêmicos sobre o conceito da Pedagogia de Projetos, enfrentei grandes dificuldades para adaptá-lo ao método tradicional de ensino da escola na qual estagiei. Muitas vezes sofria exigências para trabalhar diversos conteúdos que estavam na grade curricular da escola para serem cumpridos durante o terceiro e o quarto bimestre da turma naquele ano. Em alguns momentos, me vi *perdida*, sem saber como inserir um ou outro conteúdo no projeto que estávamos desenvolvendo, como, por exemplo, integrar as expressões numéricas a um trabalho sobre política e cidadania. Dificuldades como essas me fizeram trabalhar alguns conteúdos de forma paralela ao projeto e não de forma integrada, como eu gostaria. Talvez a quantidade de provas possa ter dificultado um pouco o trabalho, pois, na pressa de concluir os conteúdos para aplicar as provas nas datas exigidas, eu acabava desfocando, por alguns momentos, do projeto de trabalho.

Incomodou-me bastante o fato de algumas vezes ter que deixar o projeto de lado para ensinar os conteúdos das disciplinas exigidos pela escola, porque em certos momentos não consegui estabelecer alguma relação entre eles e a temática do projeto. Talvez tal incômodo tenha sido gerado por eu pensar, inicialmente, que deveria e conseguiria introduzir todos os conteúdos da grade curricular da escola dentro do meu projeto.

Em uma conversa com uma professora, que não era a professora titular da minha turma, expressei minhas angústias, e ela me disse o seguinte: “Minha filha, na teoria é Piaget; na prática é Pinochet”, referindo-se a uma distância da teoria com a prática. Naquele dia, fui para casa pensando nisso. Acredito que, muitas vezes, um professor ou uma professora acaba, sim, tendo que se enquadrar ao currículo da escola, mas na medida do possível deve trazer seus referenciais para dentro da sala de aula.

Outras vezes, penso que muitos professores optam em apenas seguir os métodos tradicionais de ensino por comodidade, pois é bem menos cansativo dar uma aula tradicional. Nela, os conteúdos são apenas transmitidos de forma que não haja a intencionalidade de vínculos com questões do dia a dia do aluno, sem tentar inovar e trazer atividades diferenciadas para a sala de aula.

A professora titular da turma em que estagiei faz parte do grupo de docentes que não se acomodam em seu trabalho; mesmo com tantas dificuldades, ela tenta sempre trazer diferenciais, aulas atrativas para os alunos. E, apesar de não termos tido uma docência compartilhada, ela foi muito parceira e me ajudou bastante. Mas também tive colegas que não tiveram a oportunidade de ter uma titular ao seu lado, ajudando-lhes.

A minha experiência de estágio me fez pensar nos desafios que encontrei com relação ao uso da pedagogia de projetos numa escola que não trabalhava dessa forma. A partir dessas inquietações, surge este trabalho de pesquisa, que tem como objetivo compreender o que entendem as estagiárias por pedagogia de projetos, como se deu o planejamento pedagógico delas, se tiveram dificuldades no trabalho com projetos e quais foram essas dificuldades. Portanto busquei saber como foi a vivência da prática da pedagogia de projetos por alunas-estagiárias da UFRGS. Tal trabalho se deu a partir da análise sobre o que pensam as estagiárias¹, tomando como material empírico suas falas durante as entrevistas.

¹ Embora saiba das implicações teóricas e políticas do uso da grafia o/a – e partilhe dessa posição teórica, decorrente de minha aproximação com o campo dos estudos de gênero –, para uma maior fluência do texto adoto o gênero feminino para referir-me, respectivamente, a psicopedagogos e psicopedagogas, professores e professoras, alunos e alunas, pais e mães. A distinção será utilizada quando for relevante para a discussão realizada.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentarei a metodologia utilizada para a produção do material empírico. Inicialmente, fiz um levantamento bibliográfico no intuito de encontrar material que se assemelhasse ao tema desta pesquisa e verificar o que já tinha sido publicado sobre o assunto. Procurei basicamente por teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso nos acervos da Biblioteca da Faculdade de Educação de Educação da UFRGS. Foram encontrados materiais cujos temas se aproximavam do presente trabalho, e alguns deles foram usados como apoio a este estudo. Como por exemplo: *Como des(acomodar) os conteúdos na Pedagogia de Projetos* (2012), de Maria Paula Juchem, e *Interdisciplinaridade: um estudo sobre as im(possibilidades) de efetivação* (2011), de Datiele Keller Parnoff.

Mas também me apoiei em trabalhos que auxiliaram na reflexão sobre a metodologia de pesquisa aqui adotada. A pesquisa realizada pela aluna de Pedagogia Priscila Mentz, intitulada *Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: narrativas de estagiárias do Curso de Pedagogia* (2011), apesar de ser um assunto distante do que tratei, orientou-me na escolha da metodologia, que teve como dados empíricos entrevistas com alunas do curso de Pedagogia da UFRGS, relatando suas experiências com a aplicação da Pedagogia de Projetos em seus estágios docentes.

3.1 UMA PESQUISA QUALITATIVA

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. (GODOY, 1995, p. 57).

Esta pesquisa é um estudo de caso de caráter qualitativo. O estudo de caso tem como principal objetivo produzir dados de um grupo específico, analisar e refletir sobre eles. Neste caso, o grupo pesquisado foi formado por quatro alunas-estagiárias do curso de Pedagogia da UFRGS. Para Ventura, os estudos de caso

[...] estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles. (2007, p. 386).

Ainda sobre o estudo de caso, Yin (2001) ensina que a

[...] preparação para realizar um estudo de caso envolve habilidades prévias do pesquisador, treinamento e preparação para o estudo de caso específico, desenvolvimento de um protocolo de estudo e condução de um estudo de caso piloto. (YIN, 2001, p. 79).

Segundo Lüdke e André (1986, p. 17), “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

Dentro dessa perspectiva metodológica, ao pensar sobre qual ferramenta eu utilizaria na pesquisa, optei pela entrevista, pois, assim como apontam Lüdke e André (ibidem, p. 34), sua grande vantagem “sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Pensei que, com uma conversa diretamente com as estagiárias, abriria mais possibilidades na produção dos dados, já que as entrevistadas estariam ali presentes e não apenas o que elas produziram em seus diários de classe.

Meu primeiro exercício foi pensar o que eu realmente gostaria de saber sobre as entrevistadas no que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos durante seus estágios. Ao optar pela ferramenta entrevista para realizar minhas análises, ancorei-me nos conceitos trazidos pelos autores acima citados, delimitando previamente um roteiro de perguntas² que pudesse me orientar.

Os ditos nas entrevistas me permitiram uma análise e uma reflexão profunda sobre os dados coletados, de modo a compreender como foram as experiências daquelas professoras-estagiárias com relação à sua prática docente no que diz respeito ao uso da pedagogia de projetos.

Outro ponto importante foi a realização de uma entrevista piloto que possibilitou que eu acrescentasse e mudasse a forma de fazer algumas perguntas. Por exemplo, ao querer saber sobre qual a opinião da estagiária sobre a Pedagogia de Projetos, fiz a seguinte pergunta: “O que é Pedagogia de Projetos?”. Tal pergunta levou a uma resposta pronta, típica das que encontramos nos livros, sendo que não era exatamente o que eu gostaria de saber. Ao escutar a entrevista piloto, percebi que deveria mudar a pergunta para: “Na tua opinião, o que significa trabalhar com a Pedagogia de Projetos?”. Dessa forma, as respostas vieram de forma mais espontâneas e pessoais, o que era o meu objetivo. Essa foi uma etapa fundamental do meu trabalho, pois um estudo de caso qualificado deve ser muito bem pensado e planejado antes da sua execução.

² As perguntas feitas encontram-se no Apêndice B deste trabalho.

Entrevistei quatro estagiárias do curso de Pedagogia da UFRGS que fizeram seus estágios em escolas públicas de Porto Alegre. A escolha das entrevistadas se deu a partir dos anos escolares nos quais elas lecionaram, pois quis entrevistar professoras que atuaram em diferentes níveis. As turmas contempladas nas entrevistas foram uma turma de primeiro ano, duas de quinto ano e uma turma de EJA.

Como todas as entrevistadas ainda estudam na UFRGS, realizamos as entrevistas na Faculdade de Educação. Escolhemos um lugar menos movimentado, mas em alguns momentos sofríamos interrupções, o que às vezes incomodava um pouco, mas nada que tenha atrapalhado de fato o propósito do trabalho.

Considerando o dever ético em uma pesquisa, todas as entrevistas foram realizadas mediante a apresentação e a assinatura do Termo Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), e os nomes das entrevistadas utilizados nesta monografia são fictícios.

3.2 AS ENTREVISTADAS

Nesta sessão, apresento brevemente as estagiárias entrevistadas e como transcorreu cada entrevista. Acredito que o conhecimento do contexto em que as entrevistas se realizaram é fundamental para a análise. Nesse sentido, valho-me das palavras de Lüdke e André (1986 p. 18): “Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’. Um princípio básico deste tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ela se situa.”

Mirela fez seu estágio em uma turma de quinto ano em uma escola estadual de Porto Alegre; segundo ela, uma escola bastante tradicional. A estagiária de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS nunca havia atuado em sala de aula, e seu estágio foi sua primeira experiência. Eu a escolhi pelo fato de ela ser bastante desenvolvida, o que me fez acreditar que fluiria melhor a entrevista.

Minha entrevista com ela teve uma duração de aproximadamente 20 minutos, mas depois que desliguei o gravador continuamos a conversar informalmente, momento em que surgiram muitas questões interessantes, as quais anotei em meu caderno. Foi uma entrevista bastante tranquila, em uma sala da Faculdade de Educação da UFRGS, sem interrupções. Ela foi bastante desembaraçada, expôs

tudo o que foi questionado, além de dizer que estava feliz em responder e falar sobre as suas dificuldades no estágio, pois afirmou não ter muita oportunidade para isso.

Aline fez seu estágio em uma turma de EJA da rede municipal de Porto Alegre, e segundo ela, em uma escola tradicional, mas bastante flexível a algumas mudanças. A graduanda também nunca teve nenhuma experiência em sala de aula, a não ser o seu estágio obrigatório. Eu a escolhi porque ela atuou na EJA, e gostaria de uma estudante que tivesse trabalhado com essa faixa etária também. Minha entrevista com ela teve duração de 40 minutos, aproximadamente. Nesse dia, não encontramos um lugar muito reservado, então fiz as perguntas a ela no corredor do sétimo andar na Faculdade de Educação da UFRGS. Tivemos algumas interrupções por conta do barulho, o que nos fazia repetir perguntas e respostas – talvez por isso tenha sido a entrevista mais longa.

Adriana fez seu estágio em uma turma de primeiro ano em uma escola da rede estadual de Porto Alegre. A escola, de acordo com ela, era tradicional, mas a turma em que atuou era mais flexível. A estagiária atribuiu isso ao fato de a professora titular ter sido aluna da UFRGS e ter sido sempre incentivada a trabalhar na perspectiva da Pedagogia de Projetos. Eu a escolhi por dois motivos: sua desenvoltura e por ela ter trabalhado com uma turma de primeiro ano. Adriana é bolsista de Iniciação Científica da UFRGS, portanto realizamos a entrevista em sua sala. Foi um momento bastante tranquilo, sem interrupções, e durou cerca de 20 minutos.

Valéria fez seu estágio em uma turma de quinto ano em uma escola bastante tradicional da rede estadual de Porto Alegre; inclusive, é a mesma em que eu realizei meu estágio. Atuei na parte da manhã, e ela, na parte da tarde. A estagiária também não teve nenhuma experiência em sala de aula, além do estágio docente obrigatório. Como estagiamos juntas e participávamos das mesmas aulas de orientação de estágio, já sabia um pouco das suas dificuldades e por isso a escolhi para fazer parte da pesquisa. A entrevista correu tranquilamente em uma sala da Faculdade de Educação da UFRGS e teve duração de aproximadamente 30 minutos.

4 PEDAGOGIA DE PROJETOS

Neste capítulo abordarei conceitos da Pedagogia de Projetos a partir da perspectiva de autores como John Dewey (2002), Josette Jolibert (1994) e Fernando Hernández (1998), além de contribuições de Maria Luisa Xavier (2000), que me ajudaram a compreender um pouco mais sobre o tema.

Este trabalho busca compreender as possibilidades de efetivação da proposta da Pedagogia de Projetos em uma escola tradicional, a partir das dificuldades e soluções encontradas pelas professoras-estagiárias do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para abordar tal tema, é fundamental trazer nesta sessão as ideias de John Dewey, considerado o *pai* da pedagogia de projetos. Suas convicções surgiram com o movimento chamado *Escola Nova*, que foi uma oposição à escola mais tradicional, baseada na transmissão pura e simples de conteúdos. Para Dewey (2002), o processo educativo deveria estar ligado à prática e não apenas à teoria. A escola deve ser um meio de socialização dos alunos, devendo estar alicerçada no real:

A escola deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura, ensinando situações de comunicação de umas a outras pessoas, de cooperação entre elas, e ainda, estar conectada com a vida social em geral, com o trabalho de todas as demais instituições: a família, os centros de recreação e trabalho, as organizações da vida cívica, religiosa, econômica, política. (ibidem, p. 8).

Ele aponta a educação escolar como algo que deve refletir a vida cotidiana dos alunos, uma vez que a escola também faz parte da vida dos discentes.

Nessa mesma perspectiva, Xavier (2000) aponta que a Pedagogia de Projetos tem como objetivo uma educação globalizada e que leva em conta os saberes não escolares do aluno, os seus interesses e que seja capaz de abarcar as disciplinas, dando um significado para elas. Afirma, ainda, que a pedagogia de projetos é uma forma tradicional de integração curricular, que busca estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento e dessas áreas de conhecimento com o cotidiano de quem aprende, tornando a educação mais significativa, pois o aluno consegue ver sentido naquilo que está aprendendo.

Segundo Hernández (1998), os Projetos de Trabalho³, termo adotado pelo autor ao se referir ao trabalho por projetos, são uma proposta que visa a estabelecer relações entre os conhecimentos científicos da escola e os saberes de fora da sala de aula, tornando os alunos protagonistas de sua aprendizagem, tendo o professor como um mediador, e não o centro do processo. O autor ainda argumenta:

É possível organizar um currículo escolar não por disciplinas acadêmicas, mas por temas e problemas nos quais os estudantes se sentissem envolvidos, aprendessem a pesquisar para depois aprender a selecioná-las, ordená-las, interpretá-las e tornar público o processo seguido. (ibidem, p. 19).

Hernández entende que o processo educativo deve ampliar os horizontes de conhecimentos de quem aprende. Não basta apenas desenvolver um projeto baseado no contexto do aluno, é necessário trazer o novo, o desconhecido para a sala de aula. O autor refere-se da seguinte forma ao trabalho que parte somente do interesse e contexto do aluno: “Seguir esse caminho ao pé da letra significaria reduzir suas possibilidades como apêndices, limitar suas aprendizagens do que ‘não sabem’ do que lhes possa interessar” (ibidem, p. 27). Para Hernández, a escola precisa ir além do mundo em que os alunos estão acostumados.

Ainda sobre a ampliação dos conhecimentos dos alunos, o autor aponta uma nova organização da escola, um intercâmbio escolar, em que não tenha apenas um professor como fonte de informação. Desse modo, propõe:

Os Projetos de Trabalho e a visão educativa à qual se vinculam convidam a repensar a natureza da Escola e do trabalho escolar, pois requerem uma organização da classe mais complexa, uma maior compreensão das matérias e dos temas em que os alunos trabalham, o que faz com que o docente atue mais como guia do que como autoridade. (ibidem, p. 73).

Nessa direção, Hernández aponta que “a função da escola, não é encher a cabeça dos alunos de conteúdos, mas contribuir para formá-los para a cidadania e oferecer-lhes, como já se indicou, elementos para que tenham possibilidades de construir sua própria história” (ibidem, p. 23-24).

Ao se referir à Pedagogia de Projetos, Josette Jolibert (1994) indica a importância da autonomia do aluno dentro do projeto desenvolvido, pois ele precisa estar envolvido e engajado durante o processo. Para a autora,

³ Apesar de os professores e acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entenderem a Pedagogia de Projetos e os Projetos de Trabalho como propostas similares, Hernández coloca os projetos de trabalho em outro lugar teórico.

Na maior parte do tempo, a pedagogia tradicional, e até a pedagogia dita renovada, envolve o ensino: a atividade essencial é realizada pelo professor, e às crianças só cabe “entender”, “responder” ou “executar” as tarefas imaginadas por ele. Nenhuma exigência ligada a uma situação real: estamos no campo do fazer de conta, ou em atividades nas quais aprender é a meta e não o meio. (JOLIBERT, 1994, p. 25).

Jolibert utiliza o termo “cooperativa” quando se refere à organização do trabalho em sala de aula, onde as tarefas e o andamento das atividades são geradas pelos próprios alunos. “É vivendo em um meio sobre o qual podemos agir que são criadas condições favoráveis ao aprendizado.” (ibidem, p. 12). A Pedagogia de Projetos propõe uma concepção na qual o aluno atua como agente ativo do processo educativo e apresenta o professor como um facilitador desse mesmo processo.

O trabalho com projetos vai muito além de partir do contexto dos alunos e do que eles têm como interesse. É necessário oferecer um ambiente escolar que estimule o aluno a compreender o novo, a instigar suas curiosidades, elaborar projetos que partam de *situações-problema*. É função do professor oferecer possibilidades novas, às quais, muitas vezes, os estudantes não teriam acesso fora da escola.

Outra questão fundamental é que os projetos não precisam dar conta de todos os conteúdos escolares. Não podemos, em busca de um ensino globalizado, ficar *presos* aos conteúdos, porque eles estão à disposição do grupo e entram no projeto conforme sua relação com o tema proposto. Alguns conteúdos, quando exigidos pela grade curricular da escola, podem aparecer em projetos paralelos, ou até em atividades pontuais.

Nesse âmbito, Jolibert (ibidem) aponta que dentro da mesma sala de aula pode haver mais de um projeto andando paralelamente, o que mostra que o planejamento dentro da Pedagogia de Projetos é algo bastante flexível e não precisa dar conta de todos os conteúdos ao mesmo tempo. Ao refletir sobre esse caráter flexível referido pela autora, deparei-me com o que vivenciei durante o meu estágio docente e que me levou a esta pesquisa, que foi o fato de não conseguir ‘encaixar’ algum conteúdo exigido pela escola dentro do meu projeto, o que me deixou bastante frustrada em alguns momentos.

Penso que desenvolver mais de um projeto possa facilitar no que diz respeito a dar conta dos variados interesses da turma, conseguir articular mais conteúdos com a temática a ser desenvolvida, tornando o ensino o mais interdisciplinar possível

e, assim, não correr o risco de tornar o projeto algo maçante, cansativo não só para os alunos, mas também para o professor.

Nessa mesma direção, Almeida (2002, p. 10) considera:

Uma questão que gera questionamento entre os professores é o fato de que nem todos os conteúdos curriculares previstos para serem estudados numa determinada série/nível de escolaridade são possíveis de serem abordados no contexto do projeto. Essa é uma situação que mostra que o projeto não pode ser concebido como uma camisa-de-força, pois existem momentos em que outras estratégias pedagógicas precisam ser colocadas em ação para que os alunos possam aprender determinados conceitos.

Sendo assim, entendo que durante o estágio me mantive *presa* a uma interpretação equivocada e fixa de Pedagogia de Projetos, preocupada em *encaixar* todos os conteúdos no projeto que desenvolvi. Acredito que eu possa atribuir isso à minha falta de experiência em sala de aula e ao pouco conhecimento teórico sobre a Pedagogia de Projetos.

Almeida (ibidem, p. 10) ainda ressalta que “O compromisso educacional do professor é justamente saber o que, como, quando e por que desenvolver determinadas ações pedagógicas”. O professor não deve se fixar a apenas uma forma de ensinar; ele precisa ter flexibilidade para decidir qual estratégia pedagógica será mais propícia para determinado momento.

5 O QUE ENTENDEM AS ESTAGIÁRIAS SOBRE A PEDAGOGIA DE PROJETOS

Neste capítulo, tratarei sobre o que as alunas-estagiárias que foram por mim entrevistadas entendem por Pedagogia de Projetos. Essa análise se deu a partir do que elas apontaram durante as entrevistas sobre o conceito da proposta de ensino acima citada e de como foram as escolhas das temáticas desenvolvidas em seus planejamentos pedagógicos realizados durante os estágios docentes obrigatórios.

Ao realizar a entrevista, uma das perguntas feitas foi: “Na tua opinião, o que significa trabalhar com a Pedagogia de Projetos?”. Como consequência dessa pergunta, as respostas foram surgindo.

Mirela: Pelas leituras e poucas experiências que eu tive, a Pedagogia de Projetos, ela tenta *integrar o interesse da turma, o interesse do professor, a intencionalidade e o objetivo com aquela turma. Agregar todos esses interesses a um ensino, uma aprendizagem para além do conteúdo.* (11/4/2013, grifos meus).

Para Mirela, a Pedagogia de Projetos tem como objetivo desenvolver um trabalho que faça sentido para o aluno, que tenha a ver com os seus cotidianos, mas que também agregue o interesse do professor e os objetivos que ele tem para a turma. Almeida (2002) aponta que, além de agregar os interesses dos alunos e professores, é também preciso levar em conta o que pensam os gestores escolares.

Penso que seja importante a participação dos gestores escolares, pois a instituição escola também deve estar engajada com o aluno e o professor no que acontece dentro da sala de aula. De acordo com a autora:

A parceria que se estabelece entre os protagonistas (gestores, professores, alunos) da comunidade escolar pode facilitar a busca de soluções que permitam viabilizar a realização de novas práticas pedagógicas, tendo em vista a aprendizagem para a vida. (ibidem, p. 5-6).

Uma questão importante que aparece no relato da estagiária é “uma aprendizagem para além do conteúdo”. Tal relato mostra certa insatisfação com um ensino fragmentado, alicerçado apenas nos conteúdos curriculares. Nesse sentido, Mirela aponta a Pedagogia de Projetos como algo capaz de dar conta dos ensinamentos disciplinares científicos e, como ela mesma menciona, capaz de ir além desses ensinamentos, tornar o aprendizado mais ligado ao real. Quando menciono a expressão “ligado ao real”, refiro-me ao fato de os conteúdos estarem relacionados

com as práticas do dia a dia, como trazer questões matemáticas com objetivo de solucionar assuntos que surjam de dúvidas reais dos alunos, por exemplo.

Na mesma direção de Mirela, a estagiária Adriana, que estagiou em uma turma de primeiro ano, ao se referir à pedagogia de projetos, também menciona a importância de criar um trabalho que vai ao encontro do que os alunos querem aprender, conhecer mais, mas de uma forma que os interesses da professora também sejam valorizados neste momento.

Adriana: Eu entendo que a Pedagogia de Projeto seja um trabalho que tenha um envolvimento com o teu aluno a partir de *temas que vão surgindo na convivência, no convívio com eles*, junto com aquilo que tu pretende fazer, tem como plano de estudo daquela turma. *Na medida que vão surgindo os interesses, tu vai elencando isso com teus alunos [...]* (11/4/2013, grifos meus).

Ambas as estagiárias apontam seus entendimentos sobre a Pedagogia de Projetos em direções similares ao que Jolibert (1994) nos traz com quanto à participação ativa do aluno, afirmando que, quando o discente se envolve diretamente no processo educativo, ele deixa de ser um mero “aprendiz”. Nesse tipo de trabalho, o aluno questiona, torna-se um pesquisador que tem o intuito de sanar as dúvidas que foram levantadas por ele próprio, tendo o professor como um facilitador, mediador desse processo. Ao se referir sobre o protagonismo do aluno na sala de aula, Almeida (2002, p. 4) ressalta que, “Na Pedagogia de Projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento”.

Já as outras estagiárias entrevistadas entendem o trabalho com projetos como algo que vem de um interesse do aluno, mas enfatizam a interdisciplinaridade como algo fundamental para tal metodologia. Valéria, que estagiou em uma turma de quinto ano, quando questionada sobre o que pensa em relação à Pedagogia de Projetos, afirma:

Valéria: Na minha opinião, significa, primeiramente... Eu não consigo pensar em pedagogia de projetos sem pensar em interdisciplinaridade, *primeira coisa que me vem a cabeça é a integração das disciplinas*, é a não fragmentação dos conteúdos. (18/4/2013, grifos meus).

Valéria ainda salienta:

Valéria: Eu também acredito que *é importante trabalhar os conteúdos tradicionais*, mas pra mim, *na Pedagogia de Projetos é possível aliar essas duas coisas*, trabalhar os conteúdos da escola, que são necessários, são necessários pra vida, pro mundo, mas também trabalhar os interesses dos alunos e os conteúdos de modo contextualizado, contemplando assim, os interesses deles assim como os interesses do currículo da escola. (18/4/2013, grifos meus).

Concordo quando Valéria fala da importância dos conteúdos curriculares e que a Pedagogia de Projetos alia o ensino desses conteúdos do currículo da escola com os conteúdos que não fazem parte de uma grade curricular. Mas compreendo que o sistema de ensino, que se apresenta em grande parte das escolas, dificulta o ensino interdisciplinar, uma vez que todo o currículo é separado por disciplinas, cada uma tendo seu dia e horário preestabelecidos. Sobre essa questão Almeida (2002, p. 5) ressalta:

Esses novos desafios educacionais ainda não se encaixam na estrutura do sistema de ensino, que mantém uma organização funcional e operacional – como, por exemplo, horário de aula de 50 minutos e uma grade curricular sequencial – que dificulta o desenvolvimento de projetos que envolvam ações interdisciplinares, que contemplem o uso de diferentes mídias disponíveis na realidade da escola e impliquem aprendizagens que extrapolam o tempo da aula e o espaço físico da sala de aula e da escola.

Almeida (2002) ainda traz que o ensino interdisciplinar e o disciplinar se completam, uma vez que este é fundamental para que o aluno compreenda as particularidades de cada conteúdo curricular, enquanto o interdisciplinar o ajuda a fazer estabelecer relações entre esses conteúdos e as outras áreas do conhecimento. Ainda nesse sentido, Dewey (2002) considera que o ensino dos conteúdos deve ter relevância na vida social dos alunos.

Outra estagiária do curso de Licenciatura da UFRGS foi Aline, que fez seu estágio docente obrigatório em uma turma de EJA na parte de alfabetização. Questionada sobre o que significava para ela trabalhar com a Pedagogia de Projetos, ela diz:

Aline: É mais ou menos em cima do que a gente fez lá [se referindo à escola em que estagiou]. É o que parte do interesse dos alunos... enfim, não deixar de lado os conteúdos, é claro, mas tu trazer aquilo como um norte para o teu trabalho. *É tu pegar um eixo orientador e ir tentando articular com as outras áreas do*

conhecimento, pois o projeto tem uma perspectiva interdisciplinar. (4/4/2013, grifos meus).

Aline refere-se à Pedagogia de Projetos como um “eixo norteador”. Entendo que ela remete ao fato de trabalhar os conteúdos, mas tendo como base o projeto de trabalho, o projeto como um caminho que ela irá percorrer para dar conta do que é pedido pela instituição de ensino onde está inserida e os desejos dos alunos.

Quando menciona o fato de a Pedagogia de Projetos ter uma perspectiva interdisciplinar, Aline justifica sua resposta argumentando que essa proposta não é focada na disciplina. Diz que existe uma conexão com as diversas áreas do conhecimento, o que não torna o trabalho engessado, mas, ao contrário, fica mais interessante para os alunos.

Outro questionamento que fiz às estagiárias foi sobre seus planejamentos. Qual o projeto que desenvolveram e o porquê desta escolha? Ao falar sobre seu trabalho, Mirela mostrou-se bastante insatisfeita, pois o tema escolhido estava diretamente ligado apenas à lista de conteúdos da escola, e não relacionado ao que ela e seus alunos gostariam de trabalhar.

Mirela: Pois é, o projeto que eu trabalhei foi todo vinculado à *lista de conteúdos*, porque o projeto que eu tinha em mente desde o início, antes até do estágio, não pode ser efetivado em questão de tempo e também pela solicitação e *exigência da escola*. (11/4/2013, grifos meus).

Como a maior parte do conteúdo que Mirela tinha que trabalhar estava atrelado às questões do sistema circulatório e urinário, por exemplo, ela optou em desenvolver um projeto sobre o corpo humano. Foi durante o desenvolvimento do trabalho que, mesmo trabalhando com um tema que não era exatamente o que gostaria, ela foi agregando ao projeto assuntos e formas de trabalho que fossem mais interessantes para a turma.

Acredito que tal atitude seja muito importante, pois nem sempre vamos encontrar situações de trabalho que nos deem total liberdade de execução; muitas vezes temos que trabalhar de uma forma que não é exatamente a que gostaríamos. Contudo é imprescindível que o professor, na medida do possível, busque atrelar seus conhecimentos, o que pensa sobre uma educação voltada aos anseios de quem aprende, ao que é solicitado, exigido pela escola onde leciona.

O que a estagiária traz vai ao encontro do que eu vivenciei durante meu estágio docente obrigatório, pois muitas vezes me vi *presa* aos conteúdos que a escola me exigia. Penso que os conteúdos são necessários, mas não devem ser algo que nos limite no desenvolvimento do trabalho com os alunos.

Com relação ao tema escolhido para o projeto, a estagiária Adriana comenta:

Adriana: Eu penso assim a Pedagogia de Projetos: sim, tu tem que ver a realidade dos alunos, tem tudo aquilo que a gente estuda e verifica aqui na Faculdade, *mas tu também tem os teus interesses naquilo que tu tem vontade de fazer, tu tem desejo*. E eu trabalho de pesquisa com educação indígena e era uma das temáticas que eu queria trabalhar com eles. (11/4/2013, grifos meus).

Ao considerar o que foi dito por Adriana, percebo uma necessidade de, além de atender os interesses dos alunos, levar em consideração as vontades e os interesses também do professor. Penso que isso é possível e necessário, mas devemos tomar o cuidado para não colocar nossos desejos acima do interesse do aluno.

No caso de um processo educativo, é essencial saber dialogar para que nenhuma das vontades seja suprimida, pois só assim se faz um trabalho em equipe, como uma cooperativa, como se refere Jolibert (1994) em seu livro *Formando Crianças Leitoras*. Nesse sentido, é necessário que haja argumentações sobre o motivo de que uma ou outra temática é importante, e tais debates devem partir não apenas da professora, mas também dos alunos. Essa negociação também faz parte do conceito em que se apoia a Pedagogia de Projetos, uma vez que o aluno está pensando, ajudando a escolher um tema, tornando-o mais crítico e com capacidades de argumentar.

Valéria, ao falar sobre seu planejamento e o porquê da escolha do tema, aponta uma decisão baseada no diálogo com a turma, uma conversa para compreender quais seus anseios e curiosidades.

Valéria: O meu projeto foi o Projeto Aquarela, que é a canção do Toquinho. Foi a canção desencadeando atividades pedagógicas significativas. *Esse projeto teve início a partir do interesse dos alunos e curiosidades deles*. Eu fiz um levantamento oral com a turma. (18/4/2013, grifos meus).

Valéria decidiu pelo projeto a partir do grande interesse demonstrado pela turma em trabalhar as artes. Ela percebeu que esse trabalho iria contemplar o que os estudantes estavam desejando.

Valéria: [...] a maioria tinha grande interesse de trabalhar as artes, devido ao fato que *as artes não eram um conteúdo privilegiado no 5º ano*. (18/4/2013, grifos meus).

Surge aí uma questão importante a ser pensada, que é o fato de as artes serem muitas vezes suprimidas em uma turma com alunos maiores. Nesse sentido, percebo que quanto mais avançado é o ano, mais se valoriza o Português e a Matemática em detrimento das artes e da Educação Física, por exemplo. Muitas vezes, apenas esses conteúdos curriculares entram no projeto que está sendo desenvolvido. Nessa perspectiva, é necessário refletir sobre o que Jolibert (1994) registra quanto a trabalhar mais de um projeto na sala de aula.

A estagiária Aline, ao relatar seu projeto desenvolvido, aponta que este se deu a partir de inquietações e conversas que surgiam entre os alunos. Como era uma turma de EJA e os alunos eram pessoas idosas, a questão da saúde estava bastante presente entre eles, como colesterol alto, pressão alta, diabetes e problemas do coração.

Aline: Rolava muita conversa sobre saúde entre eles. (4/4/2013).

A partir dessas questões e na mesma direção do que diz Hernández (1998), ao falar que o ensino deve ser algo ligado ao real, fazer ligações entre os conhecimentos de sala de aula e a vida do aluno, Aline desenvolveu o seu trabalho sobre alimentação saudável e qualidade de vida. A turma criou um livro de receitas saudáveis uma vez que era composta em sua maioria por mulheres, que gostavam muito de cozinhar.

Ao fazer uma análise do que dizem as estagiárias sobre suas representações acerca da pedagogia de projetos, infiro que todas as entrevistadas entendem essa concepção de ensino como uma proposta que se dá a partir de uma educação alicerçada no cotidiano dos alunos, naquilo que se apresenta como sendo algo que surja das vontades de quem está aprendendo, mas sem deixar de considerar os

interesses do professor e os objetivos que este tem para determinada turma. Dessa forma se dá um ensino que promove a autonomia dos alunos, os faz participantes ativos no processo educativo.

Entretanto a atuação ativa do aluno na perspectiva do trabalho com projetos não se limita em o educando apenas escolher o tema que será pesquisado. Tornar ativa a participação do estudante é também torná-lo pesquisador do que se busca descobrir, definir quais as estratégias serão usadas, os materiais utilizados. Enfim, envolvê-lo do início ao fim do processo.

Outra questão apresentada pelas estagiárias é o fato de a interdisciplinaridade estar relacionada à Pedagogia de Projetos. Percebeu-se, com as respostas, uma certa crítica a um sistema de ensino focado nas disciplinas que não se relacionam entre si e à grande lista de conteúdos das escolas.

6 A PEDAGOGIA DE PROJETOS E SUA IMPLEMENTAÇÃO EM SALA DE AULA

Neste capítulo, apresentarei o que as entrevistadas relataram quando foram questionadas sobre suas experiências ao realizar seu trabalho com a Pedagogia de Projetos nas escolas em que fizeram seus estágios docentes obrigatórios.

Uma questão bastante recorrente em todas as entrevistas foi a dificuldade de articular os conteúdos presentes nas grades curriculares das escolas com os projetos que elas desenvolveram. Outro fator – não tão comum em suas falas, mas importante para ser pensado – foi como as formas de avaliações nessas escolas influenciaram em seus trabalhos.

6.1 A PEDAGOGIA DE PROJETOS E OS CONTEÚDOS CURRICULARES

Questionei as alunas sobre suas vivências nas práticas da Pedagogia de Projeto em seus estágios obrigatórios, se tiveram dificuldades e quais foram estas dificuldades. Mirela, que estagiou em uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental, expôs que seu maior desafio foi fazer os alunos compreenderem sua proposta de trabalho, na qual os conteúdos não eram desenvolvidos de maneira separada, cada um dentro de sua disciplina correspondente, mas de maneira articulada com as diversas áreas do conhecimento.

Mirela: Os meus maiores desafios e dificuldades foram o entendimento dos alunos, porque a turma já tava vinculada a um tipo de trabalho, de “linkar” os outros conteúdos ao da Ciências. Quando eu dava uma reportagem da revista Ciência Hoje, que a gente compartilhava no estágio, era difícil que os alunos e a professora entendessem que aquilo fazia parte do Português. (11/4/2013, grifos meus).

Esse fato foi semelhante ao que ocorreu comigo durante meu estágio. Em um determinado momento, a turma e eu estávamos lendo um texto que falava sobre as estações do ano e os movimentos da Terra. Durante toda essa leitura, eu fazia intervenções, até que uma aluna perguntou: “Mas profe, isso não é Português”. Então conversei com eles para tentar explicar que em nossa vida as coisas acontecem de forma simultânea, e que isso também deve acontecer com o que aprendemos na escola.

Mirela aponta uma questão importante e que cabe trazer a esta pesquisa: o fato de as famílias muitas vezes não entenderem e, por isso, não aceitarem essa proposta de ensino desfragmentado, em que as disciplinas não são o centro do trabalho. Nesse sentido, a estagiária trouxe a seguinte fala quando questionei se os pais cobravam dela um ensino disciplinar:

Mirela: Sim, um trabalho mais voltado... Hoje eles trazem o caderno tal, então tu tem que usar o caderno, tu tem que registrar. Eu acho que o registro, sim, é importante, é uma sistematização, é onde o aluno fixa, mas o trabalho pedagógico não é só voltado pra esse ponto. Tem vários outros aspectos que a gente utiliza pra efetivar uma explicação. (11/4/2013).

A graduanda levantou uma questão importante ao se referir ao registro nos cadernos. Na mesma direção do que aponta Mirela sobre o fato de pais e alunos estarem adaptados a esse sistema educativo mais tradicional, Aline, que fez seu estágio na EJA, trouxe o seguinte relato:

Aline: Meus alunos da EJA estavam voltando a se escolarizar agora, outros nunca tinham ido na escola, mas tinha a noção do que acontecia através do relato de filhos e netos. Eles entendiam a escola de um jeito, então, existia a cobrança do tipo “Hoje não vai ter isso? Hoje não vai ter aquilo?”, se referindo às disciplinas. (11/4/2013).

Esse depoimento mostra que muitas vezes a resistência a um ensino mais globalizante, focado na interdisciplinaridade, não é encontrada apenas no currículo escolar, mas entre os próprios pais e alunos, que estão acostumados ao modelo de educação linear-disciplinar, baseado na transmissão de conteúdos, em que o professor acaba sendo o centro do processo educativo e não se valoriza tanto o aluno como protagonista do que está sendo desenvolvido na sala de aula.

Entretanto há que se pensar: será que, da mesma forma onde encontramos uma resistência e uma dependência ao modelo linear-disciplinar de ensino por muitos, nós também não agimos da mesma maneira no que diz respeito a um ensino interdisciplinar e globalizado?

Penso que um ensino globalizado é fundamental, questão reforçada nas palavras de Torres Santomé (1998, p. 41): “Quanto maior for a compartimentação dos conteúdos, mais difícil será sua compreensão, pois a realidade torna-se menos

precisa”. No entanto deve-se ressaltar que não devemos ficar *amarrados*, levar ao pé da letra essa forma de ensinar.

Será que o uso do caderno em sala de aula é um equívoco? Será que se fizermos o uso desse material estamos fragmentando o ensino? O uso do caderno possibilita uma sistematização daquilo que o aluno aprendeu, é uma forma de ele organizar seus pensamentos, suas aprendizagens. O ato de ensinar deve ser algo flexível e não algo que nos prenda, nos torne refém de um método em detrimento de outros. Também devemos ter um conhecimento profundo daquilo que nos propomos a utilizar e defender como proposta de trabalho, pois, muitas vezes, o que nos prende não é uma proposta ou outra, mas nosso pouco conhecimento sobre ela e/ou nossa interpretação apressada ou equivocada sobre sua organização.

Aline ainda apontou o fato de, em diversos episódios, não ter conseguido fazer articulações do seu projeto com os conteúdos solicitados pela escola.

Aline: No início foi bem complicado, porque eu sabia o que ia trabalhar com elas, só que eu não conseguia articular outras áreas do conhecimento com aquilo ali, sabe? Principalmente a Matemática. (4/4/2013).

Se a grande dificuldade de Mirela foi fazer com que os alunos compreendessem e aceitassem a Pedagogia de Projetos como uma proposta mais integradora, interdisciplinar, Aline indica que seu maior desafio foi articular os conteúdos que a escola exigia ao seu projeto. A estagiária ainda aponta o fato de os conteúdos matemáticos terem sido os que ela encontrou maiores dificuldades. Ela atribuiu esse obstáculo à sua falta de experiência e apontou que o apoio da professora titular foi muito importante, pois ambas realizavam o planejamentos juntas, e ela podia contar com a ajuda de uma professora mais experiente.

A estagiária Valéria, que estagiou em uma turma de quinto ano, com relação às suas dificuldades, trouxe o seguinte relato:

Valéria: A minha maior dificuldade foi exatamente essa, achar conexões de alguns conteúdos das diversas áreas do conhecimento com o meu projeto. Penso também que alguns projetos facilitam mais essa adaptação do que outros. (18/4/2013).

Penso que é natural que uma disciplina seja mais fácil ou mais difícil de encaixar nos projetos desenvolvidos. Acredito que isso depende de diferentes fatores: do tema do projeto escolhido, do domínio do conteúdo, da experiência em organizar as atividades pedagógicas, da criatividade etc. Por isso, considero importante quando Jolibert (1994) fala que é possível desenvolver trabalhos paralelos na sala aula. E foi o que Aline e Mirela fizeram. Isso possibilita que se contemplem as mais variadas disciplinas e seus conteúdos dentro das variadas propostas de trabalho.

As falas das estagiárias, ao demonstrarem incômodo em não conseguir incluir a Matemática e as outras áreas do conhecimento dentro dos seus projetos, evidenciam uma forma de ver o uso de projetos e um ensino interdisciplinar como uma *camisa de força*, devendo sempre usar os conteúdos dentro dos temas que estão desenvolvendo. E, de acordo com que menciona Almeida (2002, p. 10), “se o trabalho por projetos for visto tanto pelo professor como pela direção da escola como uma ‘camisa de força’, isso pode paralisar as ações pedagógicas e seu processo de reconstrução”.

Já Adriana, que realizou seu estágio docente em uma turma de primeiro ano, afirma não ter tido grandes dificuldades em fazer as articulações entre as disciplinas. Segunda ela, isso pode ter ocorrido por ser uma turma de alunos pequenos, pois nesse nível não existiria uma pressão em se trabalhar de uma forma linear-disciplinar, em que as disciplinas são estudadas separadamente.

Mirela também aborda a pressão, considerando-a bem marcante em turma de quinto ano. Ela atribui tal situação ao fato de os alunos estarem indo para o sexto ano, quando a separação por disciplinas é ainda mais evidente, tendo uma professora para cada área do conhecimento estudada.

<p>Mirela: Como a minha turma era de quinto ano, achei mais difícil porque eles já estão naquela pressão de que já estão indo para o sexto ano e terão uma professora para cada disciplina. (11/4/2013).</p>

Essas são observações as quais também compartilho. Notei muito isso, não só durante o meu estágio, mas durante as semanas de práticas docentes realizadas durante minha graduação. Sempre escutei professoras falando para os alunos, quase em tom de ameaça: “Quero ver quando vocês forem para o sexto ano”.

Algumas vezes tive a impressão de que a escola ensina com um olhar voltado sempre para o ano seguinte, em vez de olhar o momento em que o aluno está vivendo. Nessa direção, Hernández (1998, p. 26) afirma que “a finalidade da educação escolar não é [...] preparar para o futuro”. Com tais atitudes, de acordo com o autor, acabam-se esquecendo as experiências e as necessidades que os alunos têm em cada período de suas vidas, e foca-se apenas no futuro, que é incerto e imprevisível.

6.2 A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O PROCESSO AVALIATIVO NA ESCOLA

A questão da avaliação é relevante neste momento da análise, devido ao fato de as estagiárias terem realizado seus trabalhos em escolas mais tradicionais e que não utilizam a pedagogia de projetos e nem seus métodos avaliativos. Portanto, é necessário compreender o quanto esses procedimentos de avaliação influenciaram nos trabalhos com projetos.

Quando falo das avaliações sugeridas pela pedagogia de projetos, refiro-me ao que argumentam Alvarez Mendez (2002), em *Avaliar para Conhecer, Examinar para Excluir*, e Josette Jolibert (1994), em *Formando Crianças Leitoras*. Alvarez Mendez defende uma avaliação formativa em que o aluno deve ser o parâmetro de si mesmo. A avaliação é também um processo reflexivo para que o professor possa pensar e mudar suas práticas, se necessário, visando a contribuir para o sucesso das aprendizagens de seus alunos. Assim como Alvarez Mendez, Jolibert (1994) concluiu que todos os atores do processo educativo devem ser avaliados, e não apenas os alunos. As ideias de Mendez e Jolibert em muito convergem, pois ambos acreditam na avaliação como um processo constante de desenvolvimento, tanto do aluno quanto do professor.

Ao tentar compreender como foi a experiência das estagiárias nas suas práticas com a Pedagogia de Projetos, levando em conta os métodos avaliativos da escola, fiz as seguintes perguntas: “Como era o sistema de avaliação da escola em que tu estagiaste? Essa avaliação influenciou no teu trabalho? Como?”.

Com relação ao sistema avaliativo, Mirela afirma:

Mirela: A avaliação era feita por provas, eu realizei trabalhos do meu portfólio e essa era uma das avaliações, mas eu tive que aplicar provas mesmo assim. Em

ciências não foi desconsiderada a avaliação do portfólio, mas existia prova, essa prova individual, sem consulta. (11/4/2013).

Quando questionada se esse tipo de avaliação influenciou o seu trabalho, a aluna aponta:

Mirela: Na verdade eu acho que atrapalhou um pouco, porque se o professor titular da turma diz que a prova é que vai fazer o aluno passar, ou a prova que vai fazer o aluno reprovar, obviamente o aluno vai se fixar na prova porque o portfólio pra ele não era avaliação. (11/4/2013).

Nessa mesma direção, Valéria relata que os métodos de avaliação na escola também eram através de provas. Perguntei se essa forma de avaliar influenciou o desenvolvimento de seu trabalho realizado através da perspectiva da Pedagogia de Projetos, e ela respondeu:

Valéria: Influenciou bastante, porque quem elaborava as provas era uma outra professora do outro quinto ano escola. Além de eu ter que interromper meu projeto para ensinar os conteúdos que a escola me pedia, e que caíam na prova. (18/4/2013).

Ambas as estagiárias trazem as avaliações da escola em que realizaram seus estágios como algo que não contribuiu para o andamento de seu trabalho com a Pedagogia de Projetos.

A partir dos relatos de Mirela e Valéria, percebo que tal dificuldade se deu porque a escola e seus métodos avaliativos estavam em descompasso com os trabalhos das estagiárias, que foram alicerçados na Pedagogia de Projetos e em suas avaliações. Penso que essa é uma situação delicada, já que as estagiárias, mesmo trabalhando com a Pedagogia de Projetos de uma maneira globalizada, não puderam abrir mão de uma avaliação alicerçada em um ensino disciplinar tradicional.

Por isso, é compreensível a queixa de Mirela, ao dizer que o aluno irá valorizar mais a prova. Segundo esse raciocínio, se a professora titular, que para os alunos é sua professora de verdade, disser que o que irá aprová-los será a prova, provavelmente para eles o trabalho de Mirela ficará em segundo plano. Esse é um dos grandes problemas que as professoras enfrentam em seus estágios, pois não é fácil assumir seu papel de professora da turma, já que os alunos sabem que elas

estarão ali apenas por três ou quatro meses. Por isso, a parceria da professora titular é fundamental, pois ela poderá ajudar muito nesse processo. Entretanto também não podemos esquecer que a proposta avaliativa é da escola e não de uma professora individualmente. Isso implica pensar, ainda, que as professoras-estagiárias igualmente assumirão turmas e deverão dar conta de atender à organização curricular da escola, visto que uma professora não trabalha sozinha, mas faz parte de um contexto maior que necessita de regras para funcionar de modo organizado.

Em outra direção, Adriana e Aline relataram que tiveram liberdade ao executar a avaliação de seus projetos e por isso não tiveram grandes dificuldades. Tal questão vem muito ao encontro do que mencionei anteriormente, sobre o fato de a avaliação da escola estar em descompasso com as estratégias do professor na sala de aula. Por isso, é fundamental levar em conta o que diz Hernández (1998), ao se referir que é preciso que professores, alunos e gestores trabalhem em conjunto em prol do sucesso do processo educativo.

7 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES DESTE ESTUDO

Ao trazer as considerações finais deste estudo, retomo o problema de pesquisa: *Como foi vivenciada a prática da pedagogia de projetos por alunas-estagiárias do curso de Graduação em Pedagogia/UFRGS?* Tal pesquisa teve como objetivo compreender o que entendem as estagiárias por Pedagogia de Projetos, como se deu o planejamento pedagógico delas, se tiveram dificuldades no trabalho com projetos e quais foram essas dificuldades.

O estudo mostrou que as estagiárias entendem a Pedagogia de Projetos como uma estratégia interdisciplinar, em que os conteúdos devem ser estudados dentro dos projetos que estão sendo desenvolvidos, além de os temas surgirem dos interesses dos alunos e partindo de suas realidades.

Tais concepções ficaram claras ao analisar como se deram seus planejamentos pedagógicos. Quando trouxeram que seus temas de projetos, foram escolhidos a partir do que o aluno gostaria de aprender, daquilo estava fazendo parte do dia a dia deles, além de uma preocupação em elaborar projetos que contemplassem os diversos conteúdos da grade curricular da escola. Percebe-se que até aí não há nada de novo, as alunas repetiram aquilo que se tem dito e ouvido em muitas experiências com a proposta.

Como consequência desse entendimento das estagiárias, elas apontam como a maior dificuldade o fato de não terem conseguido dar conta de todos os conteúdos dentro de um mesmo projeto de trabalho, pois, de acordo com elas, trabalhar com a pedagogia de projetos pressupõe um trabalho disciplinar, globalizado e que todos os conteúdos precisam ser adaptados ao tema que está sendo desenvolvido.

Ao refletir sobre essa pesquisa e os estudos para poder realizá-la, percebi o quanto eu também estava equivocada quanto ao conceito de Pedagogia de Projetos, uma vez que minhas opiniões eram semelhantes às opiniões das alunas entrevistadas. Acreditava que deveríamos partir apenas dos interesses dos alunos, do ambiente em que eles estavam inseridos, e que todos os conteúdos deveriam ser estudados dentro de um único projeto.

Hoje entendo que a Pedagogia de Projetos não exclui os conteúdos escolares, pois estes são importantes para o desenvolvimento de aprendizagens específicas e que, para alguns grupos sociais, só são possíveis no espaço da escola. A proposta pedagógica traz uma concepção de ensino que agrega esses

ensinamentos científicos aos conhecimentos que os alunos já trazem consigo, valorizando seus saberes, tornando a aprendizagem algo mais interessante. Um projeto deve considerar o contexto em vive e aquilo que conhece o aluno, mas a professora tem a função de também trazer para dentro da sala de aula oportunidades para que ele conheça coisas novas e, principalmente, aprofunde, invista nos conhecimentos que acredita ter. Uma professora engajada busca oferecer acesso a temáticas, materiais e conteúdos que, muitas vezes, os alunos não podem ter acesso, cabendo à escola oferecer essa oportunidade. Os conhecimentos de âmbito social, cultural e político favorecem a formação de sujeitos socialmente mais engajados, mais críticos. Além disso, os projetos não podem se transformar em armadilhas pedagógicas na busca de um currículo mais globalizado.

Entendo que um projeto é carregado de intencionalidades, deve ter objetivos claros. A Pedagogia de Projetos tira o aluno da passividade, fazendo-o participar de forma mais ativa do processo educativo. Além disso, o tema não deve ser definido apenas pelos alunos, mas junto com eles, em forma de um problema de pesquisa, em torno do qual tudo o grupo participe a fim de buscar respostas possíveis, sendo uma participação deles, dos professores e gestores da escola. Uma vez que um tema de projeto é definido apenas pelo professor, o aluno não está participando de um projeto dentro da perspectiva teórica aqui defendida; ele está apenas realizando tarefas predeterminadas pelo professor em torno de um tema comum.

Se considerarmos os conceitos de pedagogia de projetos apontados neste trabalho, nem eu, nem as estagiárias por mim entrevistadas realizamos um trabalho que estivesse alicerçado de fato ou inteiramente na pedagogia de projetos, como pensava inicialmente. Afinal, tal estratégia pedagógica prevê um trabalho flexível, em que os professores não se sintam *presos* a ela; um trabalho que possibilite novas experiências para seus alunos, não apenas focando no que eles já vivem ou conhecem; a elaboração de uma pergunta/problema que todo o grupo busca resolver; a participação dos alunos de forma ativa.

É importante destacar que essa participação ativa é entendida como a possibilidade de o aluno pensar pedagogicamente, trazendo sugestão de materiais, atividades, visitas, leituras, sites de pesquisa, organizando o cantinho do projeto. Mediante a participação pela pedagogia de projetos, é possível cumprir a função escolar de formar cidadãos críticos, participativos, cooperativos e engajados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.E.B. de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). **Revista TV Escola**, Brasília, n. 22, mar./abr. 2002. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em: 14 jun. 2013.
- ÁLVAREZ MENDEZ, J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Formação da cidadania: eleições na escola. In: DALLA ZEN, Maria Isabel H. (org.). **Projetos pedagógicos: cenas de sala de aula**. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 77
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC, 1997. v. 1.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- GODOY, Arilda Schmdit. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57, mar./abr. 1995.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JUCHEM, Maria Paula. **Como des(acomodar) os conteúdos na Pedagogia de Projetos**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- KELLER, Datiele Parnoff. **Interdisciplinaridade: um estudo sobre as im(possibilidades) de efetivação**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MENTZ, Priscila. **Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: narrativas de estagiárias do Curso de Pedagogia**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Pedagogia Médica. Revista da SOCERJ*, p. 386, set./out. 2007.

XAVIER, Maria Luisa M. Planejamento do ensino na escolarização inicial: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular. In: XAVIER, Maria Luisa M.; DALLA ZEN, Maria Isabel H. (org.). **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 1 - 13 (Caderno de Educação Básica, 5).

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo investigar e entender como o discurso da pedagogia de projetos constitui as práticas pedagógicas das alunas do curso de Pedagogia.

Para isso será realizada uma entrevista individual com as estudantes do oitavo semestre e/ou recém-formadas no curso de Pedagogia.

Você está convidada a participar deste estudo. Assim, seu consentimento é solicitado para que a pesquisadora responsável pela entrevista, Catarine Machado Costa, aluna do Curso de Pedagogia da UFRGS, possa realizar este trabalho. Os dados e os resultados desta entrevista serão analisados e utilizados apenas para essa pesquisa. Os nomes das entrevistadas não serão mencionados no trabalho escrito e na apresentação oral do TCC, nem em possíveis trabalhos escritos e apresentações posteriores ao TCC.

Eu, _____,
pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço os objetivos e as finalidades da pesquisa e concordo em participar da mesma.

Assinatura da entrevistada

Assinatura da aluna-pesquisadora

Assinatura da professora orientadora

A aluna-pesquisadora Catarine Machado Costa é orientada pela Professora Dra. Sandra dos Santos Andrade, professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone: 51-3308-3267). Desde já, agradeço sua participação nesta pesquisa.

Porto Alegre, __/__/2013.

APÊNDICE B – Pergunta das entrevistas

1- Onde e com que turma realizou o estágio?

2 -O que entendes por Pedagogia de Projetos?

3 - Com relação ao desenvolvimento do seu projeto de trabalho, quais as maiores dificuldades/desafios encontrados? O que fizeste em relação à essas dificuldades/desafios?

4 - A escola exigiu que determinados conteúdos fossem desenvolvidos em períodos específicos ou te deu liberdade de escolha? Em caso de ter havido exigências Conseguiu adaptar todos os conteúdos exigidos pela escola com teu projeto? Como?

5 - Como era a avaliação na escola? Isso ajudou ou atrapalhou teu trabalho?

6 - Qual era a tua relação co a professora titular? Como esta relação influenciou no teu trabalho?